



## UMA POSSÍVEL APROXIMAÇÃO ENTRE A LEI DO SIGNIFICADO DE UEXKÜLL E O IDEALISMO OBJETIVO DE PEIRCE

### Arthur Araújo

Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo  
aart037@gmail.com

### José Luiz Zanette

Membro do Centro de Estudos de Pragmatismo da PUCSP  
zanetteinho@gmail.com

**Resumo:** Jacob von Uexküll, no estudo do mundo animal, contribuiu com o inovador conceito de Umwelt (mundo-próprio) que, particularmente, ensejou a criação do campo da Biossemiótica. Uexküll desenvolveu uma terminologia e um pensamento próprios no estudo dos signos no mundo animal, do qual concluiu que a atividade essencial dos organismos é produzir significados. A atividade de produção de significado é determinada pelo mundo-próprio do organismo. Um mundo-próprio é um domínio de atividade em que organismos diferentes criam diferentes processos de significações. Porém Uexküll afasta-se de qualquer tipo de mecanicismo reducionista, ao propor que as atividades de significação não são meros processos de regulação mecânica, mas organizações mais amplas de atividades dos organismos, de relações de percepções e ações. Charles Sanders Peirce também desenvolveu uma filosofia com a noção de semiose ilimitada, sem injunção mecanicista, o que leva à questão da possível relação entre o pensamento de ambos. A questão de fundo nessa relação é que, ao que parece, o conceito de mundo próprio de Uexküll não é coextensivo ao mundo inorgânico, enquanto Peirce, mediante o seu conceito do Idealismo Objetivo, altera a noção tradicional de distinção entre mundo orgânico e mundo inorgânico, pois, para ele, inexiste cisão semiótica ou lógica entre sujeito e objeto. Dentre todas as questões que surgem sobre esses dois sistemas peculiares e complexos de pensamento, propõe-se apresentar a possível aproximação de Uexküll e Peirce, com a lei do significado de Uexküll como um exemplo concreto de semiose ilimitada, pretensão também presente no Idealismo Objetivo de Peirce.

**Palavras-Chave:** Uexküll. Peirce. Lei. Significado. Semiose. Idealismo.

### A POSSIBLE APPROACH BETWEEN UEXKÜLL'S LAW OF THE MEANING AND PEIRCE'S OBJECTIVE IDEALISM

**Abstract:** Jacob Von Uexküll, in the study of the animal world, contributed with the innovative concept of Umwelt (own world) that gave rise, particularly, to the creation of the field of Biosemiotics. Uexküll developed his own terminology and thought in the study of signs in the animal world, from which he concluded that the essential activity of organisms is to create meanings. The activity of meaning production is determined by the organism's own world. An own world is an activity domain in which different organisms create different meaning processes. However, Uexküll avoids any type of reductionist mechanism by proposing that the activities of meaning are not mere processes of

*mechanical regulation, but wider organizations of the activities of organisms, or relations of perceptions and actions. Charles Sanders Peirce also developed a philosophy with the notion of unlimited semiosis, with no mechanistic injunction, which leads to the question of the possible relation between both of their thoughts. The crux of the question in this relationship is that, seemingly, Uexküll's concept of own world is no co-extensive to the organic world, while Peirce, under his concept of Objective Idealism, alters the traditional notion of distinction between organic and inorganic worlds, as, to him, there is no semiotic scission or logic between subject and object. Among all the questions that arise on these two singular and complex thought systems, we propose to present a possible closeness between Uexküll and Peirce, with Uexküll's law of meaning as a concrete example of unlimited semiosis, also present in Peirce's Objective Idealism.*

**Keywords:** Uexküll. Peirce. Law. Meaning. Semiosis. Idealism.

\* \* \*

## Introdução

Estudar a aproximação possível entre Peirce e Uexküll implica fazê-lo mediante importantes delimitações. Ambos foram prolixos, em diversas fases, na defesa de seus pensamentos e, embora, em nossa opinião, tenham mantido um eixo central de coerência, foram constituindo solidez sistemática ao longo de seu desenvolvimento. Por outro lado, foram abrangentes em suas reflexões possibilitando novas interpretações no campo dos estudos em filosofia, bem como em biologia.

Uexküll nasceu em 1864 e faleceu em 1944. A exemplo de Peirce, foi um escritor prolífico. De 1892 até sua morte, em 1944, ele publicou mais de uma dúzia de livros e centenas de estudos. Trouxe uma nova terminologia para as ciências da vida, considerando as percepções dos organismos, as comunicações e os comportamentos de ação como parte de um propósito e sensações de uma natureza, que não é limitada aos homens. O ponto de partida para a criação de todo o seu sistema provém da filosofia de Kant, principalmente da Crítica da Razão Pura, e dela extrai, de forma inovativa, um suporte cosmológico a partir do noumeno, como se verá à frente.

Charles Sanders Peirce (1839-1914) apresenta uma nova cosmologia e teoria do verdadeiro, mas, diferentemente de Uexküll, nunca terminou ou publicou qualquer livro. Das quase 90.000 páginas que escreveu, ao redor de 4.300 páginas foram escolhidas na coletânea *Collected Papers*, mas, por terem sido reunidas por assunto, nem sempre refletem, em seus tópicos, a evolução do pensamento do autor, aparentando ser insatisfatórias ou mesmo contraditórias. Ele promoveu uma importante renovação da filosofia kantiana, implicando a fundação da semiótica contemporânea. Fez uma revisão dos conceitos kantianos de senso comum, bem como rejeitou a ideia do incognoscível, da “coisa em si” kantiana, ou seja, a própria ideia do noumeno.

Cumpramos observar que, conforme Short<sup>1</sup>, Kant considerou doze categorias que correspondem a uma tabela de funções (formas lógicas) para o juízo, categorias que, em sua universalidade, fundariam a existência de um sujeito universal do

---

<sup>1</sup> SHORT, Thomas. Transactions of the Charles Sanders Peirce Society. Summer 2013. Vol 49. N 3. P. 267-298.

conhecimento. A dedução metafísica fornece os elementos à lista de categorias que serão justificadas pela dedução transcendental, *a priori*, a partir da indicação, pela dedução metafísica, do empírico ou a experiência. Kant supôs que a dedução metafísica poderia ser controlada em uma única ideia e se processaria como uma regra, de maneira que a função dos conceitos é reduzir a multiplicidade de impressões sensoriais à unidade. As categorias fundantes pensadas por Kant para a organização lógica foram revistas por Peirce, como se poderá ver no decorrer deste estudo.

Das categorias consideradas por Kant, do ponto de vista de unificação das impressões sensoriais em significação, as mais importantes são a de tempo e espaço, caso se queira imaginá-las além do universo antropocêntrico. Porém, por qualquer critério, de forma abrangente, o conhecimento representável é limitado aos fenômenos (ao que aparece) como objetos da experiência. O que não é fenômeno está circunscrito às coisas em si mesmas, na esfera do noumeno. Por isso, se a representação corresponde ao empírico, pode se dizer que se sabe dos fins em si mesmos dos objetos, sem qualquer suporte de finalidade das velhas metafísicas.

Peirce, em seu quadro pós-kantiano de categorias ou concepções universais, assume que estas estão integradas à experiência, ao contrário de serem *a priori* e, portanto, transcendentais. Peirce<sup>2</sup>, ao refutar a ideia kantiana de uma razão criadora do mundo apoiada na concepção de um intelecto que constitui os objetos de uma possível experiência, ficou com a tarefa da transformação da razão transcendental em uma razão situada. Diferentemente de Kant, assim como de Aristóteles e de Hegel, Peirce não constitui um momento lógico precedente à experiência e afasta, assim, a teoria kantiana dos dois mundos, o dos fenômenos e do noumeno.

Ressalva-se que Peirce<sup>3</sup> não abandona todas as propostas de Kant e está convencido da relação ou dependência das categorias fundamentais do pensamento da lógica formal. Ele<sup>4</sup> reconhece, em Kant, o esforço da composição da lógica de relações, mas menciona a sua discordância pelo lado da lógica formal, pois afirma que Kant deveria, ao contrário de se confinar às divisões de proposições ou juízos, ter considerado a elementar e significativa diferença de formas entre todos os signos e, mais ainda, não deveria ter deixado de considerar as formas fundamentais de raciocínio.

Por seu lado, Uexküll, ao renovar uma biologia que estava muito ligada a um objetivante, abordou de forma muito peculiar tanto o transcendentalismo kantiano, como a corrente filosófica Vitalista. Traz de Kant a noção de que não existe apreensão direta das coisas em si mesmas, pois a significação pelos sujeitos se dá por um mecanismo espécie-específico, de modo que o tempo e o espaço, que para Peirce estariam no real, com Uexküll sofrem variações em cada mundo próprio dos seres viventes. A sua concepção de mundo próprio, Umwelt, surge como resultado da atividade constitutiva do sujeito aliada à ilimitada e incessante obra de interpretação daquilo que ele mesmo construiu.

---

<sup>2</sup> HABERMAS, Jürgen. *La Condizione Intersoggettiva*. Traduzione di Mario Carpitella. 1. ed. Roma: Editori Laterza, 2007. p. 131. Prefácio.

<sup>3</sup>PEIRCE. CP.1.561

<sup>4</sup>PEIRCE. CP. 1. 563.

Com essa abordagem, ele realizou fecundas pesquisas empíricas analisando o comportamento animal e, secundariamente, também o humano, tanto nos planos fenomenológicos quanto nos semióticos. O seu peculiar Vitalismo mantém o valor e as vantagens das pesquisas empíricas, mas, com o fim irrenunciável de não considerar os seres vivos somente como matéria, incorpora um modelo teleológico de explicação para eles, o que induz a incontáveis interpretações sobre a maneira como funcionaria uma causa final.

Comentadores do pensamento de Uexküll mencionam diversas fases, mas, nas ideias de maturidade, mantém a tentativa de se ter uma abordagem sintética que procura conciliar a hipótese de pesquisa e trabalho empíricos, quase mecanicistas, com a tese vitalista de um plano mestre. A continuidade das pesquisas empíricas o levaram, alterando o conceito de fixidade do comportamento animal das primeiras fases, a reconhecer novas significações dentro as espécies, assim como o surgimento de novas espécies, elas mesmas, representando novos significados. Também, em complemento, reconhece imprevisíveis contingências do mundo material nesses processos. Com isso, a exemplo de Peirce, incorpora uma concepção de semiose ilimitada, que, subjacentemente, ainda que não explicitamente descrita, subsumi a adoção de um realismo indeterminista, anticético, evolucionista e com fundo falibilista.

Peirce intenta exatamente esses mesmos atributos em sua filosofia. Em seu pensamento de maturidade, já com a ideia de semiose ilimitada, para conciliação da ordem do universo e a evolução como parte do mesmo real, incorpora uma cosmologia que se baseia na noção de continuidade, de acaso e de afetabilidade com tendência à generalização. A cosmologia, em seus vetores, está habilitada à experiência, pois está contida nos caracteres da racionalidade razoável como racionalidade concreta. A realidade, que se traduz em significados, tem como pano de fundo um Idealismo Objetivo, que será melhor discutido à frente.

Uexküll, de forma não totalmente explícita, com o intuito de manter a autonomia dos indivíduos e o grau de espontaneidade da natureza, observável nas pesquisas empíricas, passa a considerar todo o plano mestre de seu Vitalismo da ordem do Noumeno, ou seja, da ordem do incognoscível, atribuindo a ele a característica de um plano cego. Com esse ajuste teórico, a semiose que pode ocorrer no processo espécie-específico torna-se ilimitada e deixa de requerer que, a cada passo, saiba-se da causa final dentro dos conteúdos da análise do comportamento animal, embora a ordem, em lugar do caos, seja objeto de observação.

Com tais elementos, a nossa reflexão ocorre sobre quais são as possíveis convergências entre o Idealismo Objetivo de Peirce, para nós incorporado na sua cosmologia, e o Idealismo do pensamento de Uexküll, no qual, ao que parece, pode-se enxergar algo mais do que um simples Idealismo Semiótico, conforme nomeado por Sebeok.

### **Observações sobre o pensamento de Uexküll**

Conforme Brentari<sup>5</sup>, sobre a conciliação entre Vitalismo e o molde empirista, Uexküll criou uma fundação teórica de elevado nível recorrendo à filosofia kantiana,

---

<sup>5</sup> BRENTARI, Carlo. *Jakob von Uexküll – Alle origini dell' antropologia filosofica*. Editrice Morcelliana. Brescia. 2011. 1ª edizione. 357 p. P. 50-53.

pois identificou a esfera empiricamente observável do vivente com o fenômeno e a esfera da força extramaterial e extraempírica com o noumeno. Ainda assim, ficou próximo do próprio Kant, para quem postulados e hipóteses não verificáveis, relativos à esfera do noumeno, seriam somente de valor heurístico e orientativo. A finalidade, observável no mundo, será atribuída por Uexküll para o que chama de fatores naturais.

Com tal pano de fundo, Uexküll, em abordagem antiantropocêntrica reavalia as categorias de tempo e espaço, levando-as para todo o mundo vivente, e delas retirando o exclusivo caráter antropomórfico. Para ele<sup>6</sup>, o animal constrói o tempo de seu próprio mundo, o qual está relacionado, semióticamente, à funcionalidade e também à finalidade. O mesmo vale para o espaço, pois os animais não estão no mesmo plano espaço-temporal das relações humanas com os objetos<sup>7</sup>.

Assim, ele classifica a crença humana em um todo compassado espaço universal como algo que somente facilita a compreensão mútua entre os humanos. Para Uexküll, o tempo é uma fração de vários momentos signos de uma para outra Umwelt e está de acordo com o número de momentos de experiência dos diferentes sujeitos dentro dessa mesma relação. No organismo há receptor de tempo, e o espaço e o tempo que não são de uso imediato para o sujeito, se tornam significantes quando numerosos receptores de traços, que poderiam se evadir sem a estrutura temporal e espacial da Umwelt, são discriminados<sup>8</sup>.

A qualidade sensível, em forma espacial, não é a mesma nos diversos âmbitos sensoriais, mas é possível fazer a distinção entre espaço objetivo e subjetivo pela introdução de um signo de local. Por sua vez, para Uexküll, o tempo abarca o mundo subjetivo e objetivo, não fazendo distinção entre eles<sup>9</sup>, e o tempo perceptivo ordena as nossas sensações, mas não os nossos impulsos voluntários, de maior complexidade.

Conforme Sagan<sup>10</sup>, no pensamento de Uexküll, embora a experiência de tempo, espaço e de linguagem difiram de espécie para espécie, há um continuado senso de antecipação de uma coisa direcionada à outra, incluindo a surpresa, o desapontamento, o medo, o que mostra um ser vivo em estado inacabado, em um processo contínuo, que deve reabastecer-se e manter-se integrado em suas partes e, por fim, reproduzir antes que caia em degradação.

Distinguida a nova abordagem de Uexküll sobre as categorias de espaço e tempo, podemos retornar à questão da Umwelt como o mundo construído pelo sujeito que forma uma unidade encerrada em si mesma, a qual é governada em todas as suas partes pelos significados do sujeito. Qualquer coisa que venha de um ambiente é redirecionada e processada em formas até que se torne um portador de

<sup>6</sup> UEXKÜLL, Jakob Von. *A Stroll Through the Worlds of Animals and Men*. In *Instinctive Behavior. The Development of a Modern Concept*. International Universities Press, Inc. 1934. P.13.

<sup>7</sup> UEXKÜLL 1934. Op. Cit. P. 14.

<sup>8</sup> IDEM. 1934. Op. Cit. P. 29-31.

<sup>9</sup> UEXKÜLL, Jakob Von. *Biologia Teoretica*. Traduzione di Luca Guidetti dalla seconda edizione riveduta (1928). Quodlibet: Macerata. 2015. 1ª edition. 285 p. P. 11, 33, 57.

<sup>10</sup> SAGAN, Dorian. *INTRODUÇÃO: Umwelt after Uexküll*. In Uexküll, Jakob Von. *A foray into the worlds of animals and humans. With a theory of meaning*. Translated by Joseph D. O'Neill. Published by the University of Minnesota Press. 2010. 1ª edition. 272 p. P. 14.

significado ou é abandonada. Esses componentes de significado, que podem evoluir, sem serem cruamente colocados à parte, podem ser marcas de percepção ou de efeito<sup>11</sup>, de maneira que ocorre uma seleção precisa entre os efeitos do mundo externo que pressionam os sujeitos, ainda que só um fragmento desses efeitos externos é distintamente tomado pelos órgãos sensoriais e tratado como estímulo da percepção. Nos órgãos da percepção, os signos que correspondem à percepção se fazem saber e se põem para fora como marcas de percepção, tornando-se propriedades de portadores de significado<sup>12</sup>.

Para Uexküll, a Umwelt não se refere a uma classe singular de indivíduos, mas incorpora a afetabilidade entre espécies, de modo que o repertório de comportamento de uma espécie pode estar incorporado ao de outra. Um de seus exemplos notáveis é o da relação entre aranha e mosquito. Destaca que a aranha, sem conhecer previamente o mosquito, tece a teia que “significa” o comportamento esperado dele, tendo uma imagem primal dele, sem uma orientação explicável pela pobre regra de causalidade. Com isso, ele reafirma a existência de um plano mestre, mas com abertura de novos caminhos que levam nosso conhecimento além dos caminhos prévios, uma metafísica dos signos aplicável à biologia<sup>13</sup>.

Desse modo, Uexküll aborda o significado compreendido como fenômeno ambiental e desfaz-se de velhas teorias de que um animal poderia entrar em relação com qualquer objeto fisicamente presente na sua vizinhança. Todavia não se refuta a ideia de um mundo real e empírico, mas sim de algum tipo de materialismo mecanicista.

Uexküll afirma que os órgãos sensoriais, nos seres humanos, conectam a forma exterior com a interior e é igualmente provável que eles cumpram a mesma tarefa nos animais e, assim, devem sua estrutura tanto ao front externo como ao interno. No processo perceptivo, os signos de percepção são extraídos do interno, ou seja, o sujeito só pode transformar os signos de percepção que estão à sua disposição dentro das marcas de percepção de seu ambiente<sup>14</sup>. Desse modo, a suposição do real vincula-se ao significado possível de ser construído.

Para Uexküll, somente o homem pode ter, em relação ao objeto, algum distanciamento de pura observação. Para a maior parte dos seres vivos, os objetos são investidos de um valor bem preciso, ligado à situação, sem que se entre em relação com um objeto em geral. Por alguma mediação, o objeto se transforma em portador de um significado que lhe é impresso por um sujeito, ou seja, um objeto sem relação torna-se portador de significados assim que se estabeleça com um sujeito. Assim a realidade externa é polissêmica e, ao mesmo tempo, indeterminada. Somente no encontro com o sujeito precisa-se o sentido, quando todo componente de um objeto orgânico ou inorgânico vem conectado, no corpo do sujeito, com aquilo que pode ser chamado de um complemento e que tem a função de valorização do significado. Mas coisas que se encontram na vizinhança imediata de um animal, se não têm relevância na economia ambiental do sujeito, são totalmente abandonadas. Ao contrário, se relevantes, são re-determinadas e remodeladas até tornarem-se

---

<sup>11</sup> UEXKÜLL. 2010. P. 144-145.

<sup>12</sup> UEXKÜLL. 2010. P. 147.

<sup>13</sup> UEXKÜLL. 2010. Op. Cit. P. 160-161

<sup>14</sup> IDEM. P. 165-166

portadoras de significados utilizáveis. E sempre algumas das suas propriedades desenvolvem, para o sujeito, a função de caráter perceptivo e outras caráter de ação<sup>15</sup>.

Na impossibilidade de que se possa encaixar todos esses processos sobre o manto da causalidade estrita, Uexküll usa uma metáfora musical para a compreensão da unidade real e perceptível pelos sujeitos<sup>16</sup>. Ele observa que, em todos os exemplos da natureza, devemos olhar para dois fatores que formam uma unidade, o sujeito, localizado em seu ambiente e a pesquisa de seu relacionamento com os objetos individuais que se apresentam a ele como portadores de significado. O organismo do sujeito forma ou constitui o utilizador de significado ou, pelo menos, o receptor de significados. Segue que, para ele, se esses dois fatores se juntam no mesmo significado, então eles tinham sido compostos juntos pela natureza<sup>17</sup>, ou seja, a significação indica uma lei ou permanência.

Pode-se observar que o significado, ou melhor, os significados, dos quais o objeto é potencial portador, tornam-se parte integrante do círculo funcional no qual o sujeito está inserido. A estrutura complexa do objeto – visível ao homem graças a sua capacidade de exercitar observação pura – não tem, para os animais, mais que uma função de uma contraestrutura indiferenciada, mas, ainda assim, leva à consideração de que a existência dos organismos vivos é uma contínua valorização de significados, respeitados diversos graus entre as espécies, o processo espécie-específico. Na perspectiva semiótica, também os animais são capazes de unificar em um mesmo objeto os diversos significantes que entram em jogo nos seus círculos funcionais (as marcas operativas e as marcas perceptivas), mas essa unificação acontece mais sobre o plano do comportamento que sobre aquele da capacidade cognitiva. Essa coerência dos significados colhidos pelo sujeito com os caracteres significantes do objeto (entendido como parte da realidade externa) é a finalidade complexa que regula o ciclo vital de cada organismo<sup>18</sup>.

Todavia ela não é absoluta em si para todos os sujeitos. Uexküll reconhece o grande significado do diferencial de fatores prejudiciais que excluem os indivíduos fracos, pois parece que não é somente o número de indivíduos que é importante para as espécies, mas também a sua resistência. O diferencial de significados elimina o excesso de indivíduos no interesse das espécies, mantidos os mais resistentes, podendo ainda haver a remoção de excesso de indivíduos no interesse da natureza<sup>19</sup>.

Com a adoção da ideia de um plano mestre da natureza, em abstrato, porque permanece na escala do noumeno, Uexküll refuta a interpretação de Spencer de considerar a eliminação de excesso de descendentes como a sobrevivência do mais forte ou equipado, com o fim de predicar o progresso no desenvolvimento dos seres vivos. Para ele não seria a sobrevivência do mais forte que fundamenta a espécie,

---

<sup>15</sup> BRENTARI. Op. Cit. P. 199-201.

<sup>16</sup> UEXKÜLL. 2010. Op. Cit. P. 169-171

<sup>17</sup> IDEM. 172

<sup>18</sup> BRENTARI. OP. Cit. P. 201.

<sup>19</sup> IDEM. 183.

mas, ao contrário, a sobrevivência do normal no interesse de uma seguinte existência imutável dela <sup>20</sup>.

Uexküll também observa que o darwinismo sempre fala da evolução do indivíduo e não da espécie. Para ele, existem indivíduos incompletos, mas não espécies incompletas, pois são uma união de diversos indivíduos conforme um plano. E uma nova espécie é um novo circuito funcional que se apresenta com o fim de uma adaptação segura sem erros no novo ambiente. Em linha com a ideia de um plano mestre da escala do noumeno, conclui que é completamente desconhecido quando, como e por quais meios compõem-se novos circuitos funcionais, sabendo-se que não saber é melhor do que um falso saber<sup>21</sup>.

Registre-se, no entanto, que a sua abordagem de que a seleção natural é inadequada para explicar a orientação e os comportamentos presentes em direção aos fins futuros, adotando a metáfora da orquestração dos propósitos naturais fora do espaço e do tempo, pôde se aplicar à biologia empírica, sem recurso a algum tipo de criacionismo. Implica evolução de funções, com novos propósitos absorvidos pelos seres na eliminação de disfuncionalidades. A existência de algum designer estaria fora do campo da experiência, o que está em linha com seu neokantismo.<sup>22</sup> Uexküll pensa que a natureza é completamente livre na escolha dos animais que ela deseja conectar contrapontualmente, mas que isso é uma questão de fatores naturais reais e não meramente conceitos lógicos<sup>23</sup>.

Retornando ao simbólico exemplo sobre a aranha e a mosca usado por Uexküll, na composição da Umwelt há relações de afetabilidade de tal maneira que a aranha é orientada à mosca e assume certos motivos da melodia mosca em sua composição corporal, ou seja, parte dos hábitos da mosca compõem o repertório da aranha. A aranha assume certos elementos da mosca em sua constituição, não de uma em particular, mas da imagem primal dela. Como decorrência, em complexa relação semiótica, a teia de aranha, nunca a mosca, é a meta da formatação da teia. Mas a mosca serve de fato como contraponto motivacional para a formação da teia<sup>24</sup>. As relações de significado que um organismo vivente entretém com outra espécie animal se refletem na outra. As espécies saberiam os textos, ou código originário, em si mesmos imateriais e atemporais, que exprimem parte de seu significado em cada um dos relacionamentos em contraponto que entretém com os outros textos e com o ambiente inanimado.

De uma maneira que funda a intencionalidade, as melodias formativas de uma espécie assumem seus motivos de melodias formativas de outras espécies, de maneira que a harmonia presume um real entrelaçamento de significados. Graças aos motivos externos assumidos, o corpo de qualquer e todo sujeito é formado em um recipiente de significados dos portadores de significado cujas melodias formativas assumiram forma em seus corpos como motivos<sup>25</sup>. Ele acredita que os

<sup>20</sup> IDEM. 185.

<sup>21</sup> UEXKÜLL. 2015. P. 225-229.

<sup>22</sup> SAGAN, Dorian. *INTRODUÇÃO: Umwelt after Uexküll*. In Uexküll, Jakob Von. *A foray into the worlds of animals and humans. With a theory of meaning*. Translated by Joseph D. O'Neill. Published by the University of Minnesota Press. 2010. 1ª edition. 272 p. P. P. 3-5.

<sup>23</sup> IDEM. 188-189

<sup>24</sup> IDEM 193.

<sup>25</sup> IDEM. P. 198-199.



sucessos da tecnologia natural são planejados para nós vermos, mas sua formação melódica é inescrutável<sup>26</sup>.

Para ele, em semiose ilimitada que transpõe gerações, além da existência de múltiplos de espaço e tempo nos quais as coisas podem ser propagadas, existem também os múltiplos de ambientes, nos quais as coisas repetem elas mesmas sempre em novas formas. Todos estes incontáveis ambientes proporcionam, em terceiro múltiplo, o cravo no qual a natureza executa sua sinfonia de significados além do espaço e tempo. Em nosso tempo de vida, a tarefa é dada para formarmos, com nosso ambiente, uma tecla no cravo gigante sobre a qual uma mão invisível desliza, tocando<sup>27</sup>.

A natureza vivente se apresenta, então, aos olhos de Uexküll, como um enredo de significados que tem o seu desemaranhar na trama de relações recíprocas as quais determinam a constituição física dos organismos e da sua criação material. A vida de um indivíduo se baseia em núcleos de significados pré-definidos, ou seja, as melodias formadoras. Os motivos são tomados das melodias formadoras de outros sujeitos encontrados na cena da vida. Mas a composição complexa da vida não é, todavia, previsível por antecipação, pois o plano é da esfera do noumeno, restando a pesquisa sobre fatores naturais no mundo empírico. Assim, o significado aparece em toda parte como um fator natural decisivo, em forma sempre nova e sempre surpreendente, ensejando a ideia de semiose ilimitada.

### Observações sobre o pensamento de Peirce

Como já mencionado, para Peirce, o momento lógico não precede a experiência, e está em um processo vinculado aos fenômenos do mundo. A constituição dos signos, em seu momento de imediatidade, um *quale signo*, demanda um “repertório” antropomórfico que esteja sendo afetado para não se perder e entrar no mundo semiótico. Para tanto, o aspecto autônomo desse repertório vincula-se à experiência pregressa do indivíduo, seja genética, seja cultural, e demanda, para entrada no mundo racional de atitude crítica, que seja deliberada e sujeita a controle, um autocontrole da consciência<sup>28</sup>.

Por essa razão, Peirce, ao constituir, a exemplo de Uexküll, um filosofia anti-anropocêntrica, tinha clara visão do nosso antropomorfismo, também não crendo que a realidade, como mundo semiótico, fosse a mesma para todas as espécies. Assim, para ele, não há estranhamento em nomear um conceito como antropomórfico, fundados que estamos na cooriginalidade sujeito e objeto.

Peirce<sup>29</sup> indica não temer a menção de antropomórfico a um conceito, pois toda explicação científica de um fenômeno é uma hipótese e existe algo na natureza ao qual a razão humana é análoga. E, por também refutar o materialismo –

---

<sup>26</sup> IDEM. P. 203.

<sup>27</sup> IDEM. 208.

<sup>28</sup> PEIRCE, CHARLES S. *The New Elements of Mathematics. Volume 4: Mathematical Philosophy*. Edited by Carolyn Eisele. Mouton & Co. B. V. Publishers, The Hague. 1976. Mencionado como NEM. P. 42.

<sup>29</sup> IDEM. CP. 1.316.

mecanicista como aplicável à natureza, ele é levado a um “refinamento” do seu conceito de antropomórfico para uma relação de similaridade sujeito e objeto.

Refletindo sobre se hipóteses antropomórficas podem conquistar universalidade, ele observa<sup>30</sup> que considerar uma hipótese não científica, por ser antropomórfica, é uma objeção superficial e preconceituosa, baseada em análise estreita, pois “antropomórficas” todas as concepções são ao final, pois expressas em nossas palavras. Complementa com a observação de que, quando temos preferência por um tipo de teoria a outra, cumpre lembrar que cada verdade da ciência é devida à afinidade da alma humana para com a alma do universo, a despeito da evidente imperfeição dessa afinidade<sup>31</sup>. Peirce conclui que dizer que uma concepção é natural ao homem vem a ser a mesma coisa que dizer que é antropomórfica.

Assim, a teoria lógica – semiótica de Peirce, fundamentada na experiência e na fenomenologia, não exclui a tipicidade da espécie humana na significação, a concepção antropomórfica, para um mundo dado como independente e mais ou menos igual para todas as classes de indivíduos, ou *Umwelts*, no vocabulário de Uexküll. Por outro lado, Peirce compreendeu a dualidade mínima necessária para a funcionalidade da vida e, a exemplo de Uexküll, pode-se pensar em uma dualidade, em respeito à individualidade, mas que é sempre multifatorial.

Em linha com a cooriginalidade genética de sujeito e objeto, Peirce afirma<sup>32</sup> que a designação apropriada de um sentimento é a regularidade de conexão entre o sentimento e certos movimentos da matéria e que o objeto (como objetor) admitiu, em dada ocasião, a hipótese de se ter a qualidade de sentimento. Ele refere-se<sup>33</sup> à nossa “natural e antropomórfica metafísica” que constitui uma “metafísica natural” extremamente útil para selecionar um sistema de lógica que procure preservar as concepções naturais que desenvolvemos em inferências e formas de raciocínio.

No entanto, há a ressalva, por Peirce<sup>34</sup>, de que as máximas lógicas podem fazer pouco sobre o que não está sob o autocontrole da consciência, mesmo se sabendo que sempre estamos controlando mais e mais. Por outro lado, não se terá dificuldade com a terceiridade, ou mediação, porque é possível assumir que a conformidade da ação à intenção geral é muito mais dada na percepção do que no elemento da ação em si, estando a ação mentalmente ligada à intencionalidade geral. Também a mediação, ou terceiridade, permitirá uma vasta gama de hipóteses, implicando que a terceiridade será bem-sucedida quando puder excluir hipóteses obscuras e sem sentido.

A essa questão e, em linha com o seu realismo e Idealismo objetivo, Peirce<sup>35</sup> afirma, diante da possibilidade de o homem ter uma chocante inclinação a concepções antropomórficas, que ele estará inclinado a ver elementos antropomórficos e até zoomórficos, senão fisiomórficos, em todas as suas

---

<sup>30</sup> IDEM. CP. 5.47.

<sup>31</sup> Imperfeição em linha com a cosmologia evolucionária e falibilista de Peirce.

<sup>32</sup> PEIRCE. CP. 5.48.

<sup>33</sup> IDEM. CP. 2.713.

<sup>34</sup> IDEM. 5.212.

<sup>35</sup> IDEM.

concepções e estará seguro contra hipóteses obscuras e sem sentido. O caráter antropomórfico está incorporado na generalidade da ciência normativa da estética, relacionada à categoria fenomenológica da primeiridade.

Por limitação de espaço e escopo, não é possível trazer um resumo ampliado da filosofia de Peirce, mas cumpre salientar que ele considera três categorias fenomenológicas da experiência: a primeiridade, a segundidade e a terceiridade. Elas e toda a nossa constituição semiótica de mundo estão contingentes ao nosso antropomorfismo. Mas Peirce entende o universo como um ilimitado intercâmbio de signos, em semiose também ilimitada, que, em sua opinião, não se limita ao mundo orgânico. Signos são ideias, e elas estão espalhadas na realidade do universo, aplicáveis a todos os indivíduos, dando-se a concepção do Idealismo Objetivo.

Em nossa opinião, a despeito da existência de polêmica entre intérpretes de Peirce, ele não teria abandonado essa concepção do Idealismo Objetivo, até porque é nela que se funda a distinção da espécie humana em relação ao demais ambientes semióticos.

### Considerações finais

Embora Peirce reconheça a diversidade de morfismos, como se acentua em suas análises sobre o antropomorfismo, ele não faz uma cisão entre mundo orgânico e inorgânico. Desconsidera a chance de unificação transcendental de uma única ideia em um sujeito universal do conhecimento, o que lhe permite fazer uma distinção entre consciência e mente. O homem não tem poder de introspecção, pois tudo aquilo que se pode chamar de consciência, como signo, já está fora dele, em linha com a impossibilidade geral de se acessar diretamente as coisas do mundo.

Essa concepção se aplica a todos os indivíduos, os quais aparecem somente em seu comportamento, ou hábitos, ou seja, no lado de fora, mostrando as leis e regras que os constituem, como o lado de dentro, não acessível diretamente. Hábitos aparecem como ideias indicando ordem, o que enseja que a consciência não é essencial para a mente, a qual se espraia no universo.

Com isso é possível captar a distinção entre as figuras lógicas do intérprete e a do interpretante nos papéis de um universo racionalizado, no qual a terceiridade real envolve generalidade que se traduz na forma de interpretante. Isso se constitui como uma ideia que é uma espécie de mente, mas não de uma só consciência ou intérprete, ensejando assim o constante incremento do conceito, em semiose ilimitada.

Peirce considera graus de dinamicidade na questão dessa semiose ilimitada, sem cisão entre mente e matéria, de maneira que se permite classificar o mundo orgânico em ilimitadas funcionalidades, enquanto o inorgânico é de dinamicidade quase zero. Para Peirce<sup>36</sup>, a matéria é mente degenerada e hábitos inveterados, tornando-se leis físicas. Para ele, a lei física não é única e primordial e deriva a lei psíquica, afastando o materialismo e o mecanicismo. Tampouco a lei psíquica é primordial, como se vê pelo idealismo subjetivo.

Então, para Peirce, não se aplica a causalidade estrita da lógica clássica. Para ele, na lei da mente, o tempo tem direção específica do passado para o futuro,

---

<sup>36</sup> PEIRCE. CP. 6. 24 – 25.

de maneira que todo estado da mente é afetado pelo estado anterior e tem extensão espacial. Como o espaço é contínuo, liga-se a uma comunidade imediata de sentimento, o que torna a lógica de diádica para triádica.

Eventuais resíduos sobre a efetividade de adoção de causa final no pensamento de Peirce estão contrapostos à consideração da probabilidade, dentro da visão cosmológica de acaso e de diversidade, afastando-se a ideia de fixidez. A tendência cósmica à generalização se traduz na doutrina do sinequismo que carrega com ela outras três, que são um realismo lógico de um tipo bem acentuado, o idealismo objetivo e o tiquismo com o seu consequente evolucionismo<sup>37</sup>.

Como elemento conciliador, o Idealismo Objetivo é uma doutrina que afirma a unidade substancial entre o mundo material e o mundo mental, ou seja, unifica mente e matéria, sendo o pensamento mera mediação, característica da filosofia de Peirce, em oposição à filosofia de Descartes a qual intenta a forma do pensamento da natureza como em si. O Idealismo Objetivo de Peirce completa-se com um mundo externo que é dado fenomenologicamente<sup>38</sup>, e refere-se a um universo concebido de forma eidética (inteligível e real), com o universo material e suas leis naturais como hábitos de conduta, concebido como uma forma de mente e, por outro lado, a lei de natureza psíquica também se identifica com a lei física<sup>39</sup>.

Caso se queira pensar sobre a existência de uma ideia em abstrato para o cosmos, na filosofia de Peirce, ela não seria da ordem do noumeno kantiano, como algo que sabemos que existe, mas não podemos acessar. Para ele, a racionalidade razoável, como racionalidade concreta, está traduzida na mente do universo e é observável pela experiência e não requer justificativas ulteriores para que a aceitemos.

Com seu realismo anticético, indeterminista, falibilista e evolucionista, a ideia de semiose ilimitada em Peirce, com a diversidade de morfismos ilimitada que contempla, não estaria em confronto com o conceito básico de semiose relacionada ao de Umwelt.

Por outro lado, Uexküll, tendo Kant como ponto de partida e não de chegada, ao longo de seus estudos tentou fundamentar teoricamente a unidade teleológica. Com o entendimento do plano de construção como a organização complexa do sistema animais-ambiente conferiu, a tal entidade, um status ontológico<sup>40</sup>. No mundo inorgânico, ao que parece e em linha com a filosofia de Kant, a causa final é substituída pela causa antecedente.

Há uma unificação compondo uma realidade, pois Uexküll vê os ambientes dos animais e dos homens como uma série de círculos concêntricos e ligados ao ambiente da ciência, e essa inegável realidade existente ultrapassa a faculdade humana de intuição.

O ideal regulativo não é algo condicionado e assim não é um objeto do ambiente, mas se apresenta nos fatores naturais espécie-específicos, onde está a variabilidade, de modo que o devir está no noumeno.

---

<sup>37</sup> PEIRCE. CP. 6. 163.

<sup>38</sup> IBRI. 1992. Op. Cit. P. 128.

<sup>39</sup> IBRI. 1992. Op. Cit. P. 58 e 59.

<sup>40</sup> BRENTARI. Op. Cit. P. 84.

Então temos dois grandes sistemas de pensamento abrangentes com grandes divergências teóricas. A convergência possível, em seus resultados, presume abandonar ideias anteriores e apoiar-se na ideia comum de que os seres vivos, os ambientes animais e ecossistemas são um processo semiótico. Para Peirce, com o Idealismo Objetivo e, para Uexküll, na palavra de Sebeok, com um Idealismo Semiótico. Nesse ponto, o mundo inorgânico se integra, semioticamente, às ilimitadas Umwelts.

### Conclusão e novo vetor para pesquisa

Conforme apontamos, as obras de Peirce e Uexküll são muito extensas e traçaram a evolução do pensamento deles. A descoberta posterior do DNA demanda que, à luz desse avanço cognitivo, deva se reavaliar a abordagem adotada por ambos sobre inúmeras questões.

Trazemos aqui, basicamente, os comentários de Carlo Brentari<sup>41</sup>, que aponta para o fato de a descoberta do DNA levar a que a matéria não possa mais ser tratada como substrato passivo, pois mostra-se capaz de ler outra matéria – a sequência proteica contida nos genes – e assim desencadear o desenvolvimento do organismo adulto na sua complexidade<sup>42</sup>. Afirma que:

A completa exclusão da causa final da biologia só é possível acontecer com a descoberta do código genético, ou de uma causa antecedente – conjuntamente estrutural e funcional – capaz de determinar e guiar também os processos de ontogênese e de crescimento. Isso não significa, no entanto, que a dinâmica complexa desses processos, com a vinculativa impressão de finalidade que esses suscitam no observador humano, tenha sido explicada sem resíduos<sup>43</sup>.

Brentari observa que o código é depositado na matéria, mas que a reprodução da matéria orgânica se configura como um processo semiótico material. Entende como um processo semiótico porque estão presentes nisso todos os componentes da comunicação baseada em signos existentes na semiótica de Peirce, mencionando significante, significado e sujeito. Segue Brentari justificando que é um processo material porque sejam os significantes – as combinações de bases nitrogenadas dos ácidos nucleicos que compõem as cordas do DNA – sejam os significados – os aminoácidos que vêm codificados (sintetizados) na base das próprias cordas – seja a instância codificante – a célula que sintetiza novos tecidos – são entes materiais. Complementa que a moderna síntese do darwinismo e da genética deriva isso: há uma ideia de que o genoma seja um “set” de instruções que não necessita de uma mente que lhe conceba em abstrato e depois lhe imprima na matéria<sup>44</sup>.

---

<sup>41</sup> BRENTARI. Op. Cit.

<sup>42</sup> BRENTARI. Op. Cit. P. 45.

<sup>43</sup> BRENTARI. Op. Cit. P. 63.

<sup>44</sup> IDEM. P. 157.

Uexküll fala em uma regra que se torna carne, de maneira que poderia haver um fosso entre as duas convicções, a dele e a da descoberta do DNA, pois não se pode pensar em uma regra imanente como causa final. Supõe-se o seguinte modelo de DNA: a capacidade autônoma de decodificação e formação da parte da matéria e o recurso exclusivo a fatores causais do tipo antecedente<sup>45</sup>.

À vista dos vários problemas teóricos que se impõem, parece que a concepção de Uexküll de Umwelt não pode ser estendida ao mundo inorgânico. Quanto à questão do DNA, a ser melhor estudado, caso se pense o código como causa antecedente, se é remetido novamente à querela de eventual regressão infinita na busca de outra causa ou um plano. Peirce, a esse tipo de indagação e dentro da visão semiótica de mundo, entende que esse nada a qual isso se dirigiria, é somente o local das infinitas possibilidades semióticas, traduzidas na espontaneidade e diversidade do universo.

\* \* \*

## Referências

BRENT, J. **Charles S. Peirce**: A life. Revised and enlarged edition. 2. ed. Bloomington: Indiana University Press, 1998. p. 412.

BRENTARI, Carlo. **Jakob von Uexküll**: Alle origini dell' antropologia filosofica. Editrice Morcelliana. Brescia. 2011. 1ª edizione. 357 p.

GEOFFREY, Winthrop-Young. Afterword - Bubbles and webs: a backdoor stroll through the readings of Uexküll. In: Uexküll, Jakob Von: **A foray into the worlds of animals and humans. With a theory of meaning**. Translated by Joseph D. O'Neill. Published by the University of Minnesota Press. 2010. 1ª edition. 272 p.

HABERMAS, JÜRGEN. **La Condizione Intersoggettiva**. Traduzione di Mario Carpitella. 1. ed. Roma: Editori Laterza, 2007. p. 131.

IBRI, I. A. **Kósmos Noetós**. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. 138 p.

IBRI, Ivo A. The Double Face of Habits: Time and Timeless in Pragmatic Experience. In: **Rivista di Storia della Filosofia**, Milano, Italia, ISSN 0393-2516; forthcoming 2017.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. 1. ed. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. p. 511.

\_\_\_\_\_. **Critique of Pure Reason**. Translated by Norman Kemp Smith. With a new introduction by Howard Caygil. 3. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2003. p. 681.

SHORT, Thomas. Questions Concerning Certain Claims Made for the 'New List'. In: **Transactions of the Charles Sanders Peirce Society**. Summer 2013. Vol 49. N. 3. p. 267-298.

SAGAN, Dorian. Introduction: Umwelt after Uexküll. In: Uexküll, Jakob Von. **A foray into the worlds of animals and humans. With a theory of meaning**. Translated by

---

<sup>45</sup> IDEM. P. 157.

Joseph D. O'Neill. Published by the University of Minnesota Press. 2010. 1ª edition. 272 p.

SEBEOK, Thomas A. Um, Dois, Três, *Uberdade desta Vez*. In: **O Signo de Três**. Editora Perspectiva. São Paulo. 1ª edição – 3ª reimpressão. 2014. Páginas 1 a 12.

PEIRCE, C. S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Electronic edition reproducing Vols. I–VI, HARTSHORNE, C. & WEISS, P. (Eds.); Vols. VII–VIII, BURKS, A. W. (Ed.), Cambridge: Harvard University Press, 1931-1935. Mencionado como CP.

\_\_\_\_\_. **Writings of Charles S. Peirce: A Chronological Edition**. v.1-6 e 8. Peirce Edition Project (eds.). Bloomington: Indiana University Press. Mencionado como W x.

\_\_\_\_\_. **The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings**. v.1-2. Bloomington: Indiana University Press, 1992 e 1998, respectivamente. Mencionado como EP. 1 ou 2.

\_\_\_\_\_. **The New Elements of Mathematics**. Volume 4: Mathematical Philosophy. Edited by Carolyn Eisele. Mouton & Co. B. V. Publishers, The Hague. 1976. Mencionado como NEM.

UEXKÜLL, Jakob Von. A Stroll Through the Worlds of Animals and Men. In: **Instinctive Behavior: The Development of a Modern Concept**. International Universities Press, Inc. 1934. 80 p.

UEXKÜLL, Jakob Von. **A foray into the worlds of animals and humans. With a theory of meaning**. Translated by Joseph D. O'Neill. Published by the University of Minnesota Press. 2010. 1ª edition. 272 p.

UEXKÜLL, Jakob Von. **Biologia Teoretica**. Traduzione di Luca Guidetti dalla seconda edizione riveduta (1928). Quodlibet: Macerata. 2015. 1ª edition. 285 p.